



NOTAS SOBRE AS DATAS COMEMORATIVAS E SUAS FESTIVIDADES NO PLANEJAMENTO DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Jéssica Fonseca de Oliveira¹
Ana do Carmo Goulart Gonçalves²

RESUMO: Este artigo apresenta resultados de uma pesquisa de cunho qualitativo que tem como intuito problematizar as datas comemorativas e suas festividades no planejamento da Educação Infantil, bem como investigar como as professoras fazem a inclusão de tais datas em seus planejamentos. Em relação ao empreendimento analítico, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com duas professoras atuantes na primeira etapa da Educação Básica, sendo uma na rede municipal e outra na rede privada. Por meio desta pesquisa constatou-se que uma professora reproduz as datas comemorativas e suas festividades em seu planejamento, e a outra não. Também pode-se inferir que ambas têm percepções distintas sobre a inclusão de tais datas, contudo possuem concepções semelhantes sobre planejamento, entendendo a criança como protagonista, colocando-a no centro do processo de planejar. Concluiu-se que ambas as professoras realizaram um movimento de reflexão e problematização sobre o planejamento, incluindo a análise sensata da inclusão e das implicações das datas comemorativas e suas festividades.

Palavras-chave: Educação Infantil; Datas comemorativas; Planejamento.

NOTES ON COMMEMORATIVE DATES AND THEIR FESTIVITIES IN EARLY CHILDHOOD EDUCATION PLANNING

ABSTRACT: This article presents the results of a qualitative research that aims to problematize commemorative dates and their festivities in Early Childhood Education planning, as well as investigate how teachers include such dates in their planning. In relation to the analytical undertaking, semi-structured interviews were carried out with two teachers working in the first stage of Basic Education, one in the municipal network and the other in the private network. Through this research it could be seen that one teacher reproduces the commemorative dates and their festivities in her planning, and the other does not. It could also be inferred that both have different conceptions about the inclusion of such dates, however they have similar conceptions about planning, understanding the child as the protagonist, placing them at the center of the planning process. It was concluded that both teachers engage in a process of reflection and problematization about planning, including a thoughtful analysis of the inclusion and implications of commemorative dates and their festivities.

Keywords: Early Childhood Education; Commemorative dates; Planning.

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGEDU da Universidade Federal do Rio Grande – FURG; Pedagoga, professora do município do Rio Grande e membro do Núcleo de Estudo e Pesquisa em Educação da Infância – NEPE. Contato: jessica0103.oliveira@gmail.com.

² Doutora em Educação Ambiental, professora associada da FURG, atua na formação de professores(as) e políticas públicas para a infância, coordenadora do NEPE, membro do Fórum Gaúcho de Educação Infantil – FGEI e Movimento Interfóruns do Brasil – MIEIB. Contato: acarmogg@gmail.com.

NOTAS SOBRE LAS FECHAS CONMEMORATIVAS Y SUS FESTIVIDADES EN LA PLANIFICACIÓN DE LA EDUCACIÓN INFANTIL

RESUMEN: Este artículo presenta los resultados de una investigación cualitativa que tiene como objetivo problematizar las fechas conmemorativas y sus festividades en la planificación de la Educación Infantil, así como investigar cómo los docentes incluyen dichas fechas en su planificación. En relación con el trabajo analítico, se realizaron entrevistas semiestructuradas a dos docentes que laboran en la primera etapa de Educación Básica, uno de la red municipal y otro de la red privada. A través de esta investigación se puede observar que una docente reproduce las fechas conmemorativas y sus festividades en su planificación, y la otra no. También se puede inferir que ambos tienen concepciones diferentes sobre la inclusión de dichas fechas, sin embargo tienen concepciones similares sobre la planificación, entendiendo al niño como protagonista, ubicándolo en el centro del proceso de planificación. Se concluyó que ambas las profesoras realizaron un proceso de reflexión y problematización sobre la planificación, incluyendo un análisis reflexivo de la inclusión y las implicaciones de las fechas conmemorativas y sus festividades.

Palabras clave: Educación Infantil; Fechas conmemorativas; Planificación.

PLANEJAR NO CONTEXTO DA ESCOLA DA INFÂNCIA: PROBLEMATIZAÇÕES E IMPLICAÇÕES

Este artigo apresenta resultados de uma pesquisa qualitativa desenvolvida no âmbito da graduação, no Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande (FURG). O estudo tem como objetivo problematizar as datas comemorativas e suas festividades no planejamento da Educação Infantil, além de investigar como as professoras incorporam essas datas e suas festividades em seus planejamentos.

Dessa forma, realizamos uma problematização acerca da temática, especialmente no que se refere à defesa das crianças enquanto agentes de sua própria construção, permitindo que se desenvolvam integralmente, conforme preconiza a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) de 1996. É importante destacar que esse desenvolvimento deve considerar as singularidades da criança, promovendo práticas que valorizem seus contextos e reconhecendo-as como sujeitos de direitos que estão adentrando a sociedade e tudo o que ela representa. Por exemplo, é necessário refletir sobre algumas práticas que envolvem as datas comemorativas e suas festividades, e, ao trabalhar com elas ou não, deve-se pensar em que tipo de conhecimento se quer construir e quais significados terão para as crianças, levando em consideração as particularidades provenientes de diferentes realidades, culturas, religiões, raças e etnias.

Destacamos que a concepção de criança que fundamenta este estudo está ancorada nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI), um documento de caráter mandatório que considera a criança como um “sujeito histórico e de direitos que, nas interações,

relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura” (BRASIL, 2010, p. 14). Alinhada a essa perspectiva de criança, trazemos a discussão que segue, afirmando que a Educação Infantil, primeira etapa da Educação Básica, compreende a ação educativo-pedagógica com crianças de zero a cinco anos de idade, sendo um dos desafios o planejamento de tais ações no cotidiano da escola da infância.

Concordamos com Ostetto (2000), quando afirma que:

Planejar é essa atitude de traçar, projetar, programar, elaborar um roteiro para empreender uma viagem de conhecimento, de interação, de experiências múltiplas e significativas com o grupo de crianças. Planejamento pedagógico é a atitude crítica do educador diante de seu trabalho docente. Por isso não é uma forma! Ao contrário, é flexível e, como tal, permite ao educador repensar, revisar e buscar novos significados para sua prática pedagógica (OSTETTO, 2000, p. 177).

Desse modo, ao considerar as crianças que compõem a primeira etapa da Educação Básica, entendemos que o planejamento deve ter como centralidade a criança; isto é, deve ser elaborado com base no respeito às crianças. Mas, afinal, o que significa respeitá-las? Segundo Hoffmann e Silva (2014):

Respeitar não pode ser restringir ou limitar suas oportunidades de descoberta, mas proporcionar-lhes experiências de vida ricas e desafiadoras, auxiliando-as a encontrar meios de realizar o que deseja, é ouvi-la atentamente, acompanhar seu olhar e seus gestos, alimentar suas fantasias, brincar e criar com ela, ser mediador dessas descobertas. Respeitá-la é oferecer-lhe um ambiente livre de tensões, pressões, limites às suas manifestações, deixando-a expressar-se da maneira que lhe convém e buscando compreender o significado de todas as suas ações e reações (HOFFMANN; SILVA, 2014, p.15).

Coadunando-se às ideias mencionadas acima, acreditamos que, para efetivar o planejamento, é necessário focar nas necessidades das crianças, acolhendo suas manifestações, questionamentos, conversas, desejos, expectativas e frustrações. Em outras palavras, é fundamental considerar a criança como um ser singular, curioso, potente e inteligente, que pensa o mundo ao seu redor.

Nesta perspectiva, de acordo com Ostetto (2012), o ponto de partida é:

[...] a observação das crianças: o que buscam saber sobre o mundo à sua volta, quais suas preocupações e que perguntas estão fazendo num dado momento? Afinal: para onde está direcionada a curiosidade das crianças? É necessário, pois, olhar a criança, as diferentes crianças, os movimentos do grupo. É urgente ouvir suas perguntas: no choro, no balbúcio, no gesto, na palavra, na ação. A escuta é disponibilidade ao outro e a tudo que ele tem a dizer (OSTETTO, 2012, p. 194).

Compreendemos que considerar as datas comemorativas e suas festividades no planejamento requer questionar os sentidos e significados que essas datas terão para as crianças.

É fundamental avaliar se essas celebrações estão de acordo com suas expectativas, necessidades e anseios, respeitando seus contextos, particularidades e outros aspectos igualmente relevantes. Dessa forma, promove-se um movimento reflexivo sobre a ação educativo-pedagógica. Segundo Ostetto (2000), ao não refletir sobre essas práticas:

[...] o planejamento da prática cotidiana é direcionado pelo calendário. A programação é organizada considerando algumas datas, tidas como importantes do ponto de vista do adulto. Também aqui são listadas várias atividades, só que as mesmas se referem a uma data específica, a uma comemoração escolhida pelo calendário. Assim, ao longo do ano seriam realizadas atividades referentes ao Carnaval, ao Dia de Tiradentes, ao Descobrimento do Brasil, ao Dia do Índio, à Páscoa, ao Dia do Trabalho, ao Dia das Mães, e assim por diante, conforme as escolhas da instituição ou do educador, segundo o que ele julgar relevante para as crianças, ou conforme seja possível desdobrar as atividades para realizar com as crianças (OSTETTO, 2000, p. 181).

Através da citação acima, podemos ter uma noção de quais datas comemorativas estão incluídas no planejamento da Educação Infantil e de como são escolhidas. Com isso, questionamos: Será que, ao elencar tais datas, as professoras estão refletindo sobre sua relevância para as crianças? Se estão, em que medida as crianças são consideradas nessa escolha? E ainda: O que as crianças apontam como significativo no dia a dia? O que buscam saber, conhecer? O que as crianças planejariam se tivessem a observação e a escuta como uma prática cotidiana?

Assim, no contexto deste trabalho, compreendemos que observar as pistas cotidianas oferecidas pelas crianças, a partir de suas manifestações, é um fator preponderante para a realização do planejamento, que, longe de ser estático, é permeado por situações inusitadas e imprevistas. Nesse sentido, concordamos com Redin *et al.* (2014, p. 23) quando afirmam que o planejamento “é muito mais um desenho sinuoso que permite ir e vir, dar voltas, ziguezaguear, do que uma prescrição linear. Principalmente porque só se concretiza num tempo e espaço mediado pelas crianças e suas culturas”.

Nessa perspectiva, é fundamental primar por um planejamento que contemple a reflexão e, conseqüentemente, o acolhimento das vozes infantis, pois considerar a criança como sujeito também é dar-lhe visibilidade, é escutá-la, valorizando assim a sua história e o seu contexto. Muitas vezes, vê-se que “[...] a articulação é aparente justamente porque não amplia o campo de conhecimento para as crianças, uma vez que as datas se fecham em si mesmas, funcionando mais como pretexto para desenvolver esta ou aquela atividade ou habilidade” (OSTETTO, 2000, p. 183).

As datas comemorativas e suas festividades podem ou não considerar as particularidades e os direitos de cada criança. Sendo assim, é importante compreender como as ações do

planejamento integram as crianças, pois, em algumas situações, percebe-se que tais datas se configuram como homogeneizadoras, não considerando as diferentes realidades existentes na atual constituição societária. Um exemplo disso é a comemoração do “Dia das Mães” ou do “Dia dos Pais”, que pode reforçar a valorização de um tipo de construção familiar em detrimento de outras. Dessa forma, ao reproduzir tais datas festivas, deve-se considerar que elas podem acabar gerando algum impacto na vida dessas crianças, impedindo-as de se sentirem incluídas.

Ao finalizarmos, por ora, as discussões aqui tecidas, nos colocamos a pensar no papel da escola da infância e na sua intencionalidade para, a partir daí, pensar o planejamento de suas ações educativo-pedagógicas. Com isso, tomamos emprestadas as palavras de Ostetto (2000) quando nos convida a refletir: Qual o papel da instituição de educação infantil: repetir/reproduzir o que circula na sociedade em geral ou discutir e questionar os conteúdos e vivências que as crianças trazem? É apenas “respeitar” a realidade imediata da criança ou ampliar sua visão de mundo?

CAMINHOS METODOLÓGICOS

Nesta seção, iremos discorrer sobre os caminhos metodológicos traçados nesta investigação de caráter qualitativo, que busca responder a questionamentos específicos das ciências sociais, trabalhando, assim, com uma realidade que não pode ser quantificada (MINAYO *et al.*, 2016). Para os autores, a pesquisa qualitativa “[...] trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que correspondem a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis” (MINAYO *et al.*, 2016, p. 21).

Assim, para responder ao objetivo da pesquisa, que é problematizar as datas comemorativas e suas festividades no planejamento da Educação Infantil, bem como investigar como as professoras incluem tais datas em seus planejamentos, optamos por realizar entrevistas semiestruturadas, pois acreditamos que elas são um potente instrumento capaz de responder aos questionamentos propostos. Consideramos que as entrevistas semiestruturadas são importantes para compreender como são feitas as escolhas das datas comemorativas, assim como para saber se estão articuladas com a proposta pedagógica da instituição de ensino. Para Lüdke e André (1986):

[...] na entrevista a relação que se cria é de interação, havendo uma atmosfera de influência recíproca entre quem pergunta e quem responde. Especialmente entrevistas

não totalmente estruturadas, onde não há a imposição de uma ordem rígida de questões, o entrevistado discorre sobre o tema proposto com base nas informações que ele detém e que no fundo são a verdadeira razão da entrevista (LÜDKE; ANDRÉ, 1986, p. 33).

Acreditamos que a entrevista semiestruturada se mostrou potente, pois permitiu uma liberdade de comunicação, deixando as professoras entrevistadas à vontade e possibilitando uma maior exploração das questões levantadas, ampliando, assim, os conhecimentos sobre a temática. Segundo Minayo *et al.* (2016):

A entrevista, [...], está sendo por nós entendida como uma conversa a dois com propósitos bem definidos. Num primeiro nível, essa técnica se caracteriza por uma comunicação verbal que reforça a importância da linguagem e do significado da fala. Já, num outro nível, serve como um meio de coleta de informações sobre um determinado tema científico (MINAYO *et al.*, 2016, p. 57).

Assim, entendemos que a entrevista contribui para responder aos questionamentos, uma vez que está alinhada ao objetivo de investigar como as professoras fazem a inclusão das datas comemorativas e suas festividades no planejamento da Educação Infantil. Segundo Minayo *et al.* (2016, p. 18): “[...] toda investigação se inicia por um problema com uma questão, com uma dúvida ou com uma pergunta, articuladas a conhecimentos anteriores, mas que também podem demandar a criação de novos referenciais”.

Cabe ressaltar que, devido à pandemia de COVID-19³ – momento em que esta pesquisa estava sendo realizada –, várias medidas de precaução foram adotadas, incluindo o isolamento social. Dessa forma, as entrevistas foram conduzidas de forma virtual, por meio de uma reunião realizada em uma plataforma de comunicação, denominada *Zoom*.

As entrevistas foram realizadas com duas professoras atuantes na Educação Infantil – Nível II, no município do Rio Grande. Uma professora trabalha em uma Escola Municipal de Educação Infantil, que integra o Programa Nacional de Reestruturação e Aquisição de Equipamentos para a Rede Escolar Pública (Proinfância)⁴, e a outra trabalha em uma instituição de ensino de cunho privado, que faz parte de uma rede de escolas localizadas em diversos países; esta instituição oferece turmas desde a Educação Infantil até o Ensino Médio. Outro

³ Em 11 de março de 2020, a COVID-19 foi caracterizada pela Organização Mundial da Saúde – OMS, como uma pandemia causada pelo vírus SARS-COV-2. Para evitar o alastramento da doença foram tomadas várias medidas de precaução e uma delas foi o isolamento social. Sendo assim, para cumprir essa medida foi orientado que as pessoas - na medida do possível - permaneceram em casa, utilizando dos meios digitais para poder trabalhar, estudar, fazer compras, entre outros, com isso mudou-se por um tempo a forma de se viver daquela época (ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE – OPAS, 2020).

⁴ O ProInfância é um programa de assistência financeira ao Distrito Federal e aos municípios para a construção, reforma e aquisição de equipamentos e mobiliário para creches e pré-escolas públicas da educação infantil (BRASIL, 2018).

aspecto relevante é que ambas as professoras são alunas do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande, o que demonstra seu comprometimento com a formação continuada.

Optamos por realizar a pesquisa com as escolas mencionadas porque elas representam duas formas de acesso e permanência na escola da infância: uma pública e outra privada. Embora a legislação e os documentos oficiais referentes à etapa sejam os mesmos, o projeto político-pedagógico e a proposta de cada escola podem refletir as singularidades de sua comunidade ou concepções influenciadas pelos estudos realizados na formação continuada de cada instituição, o que pode impactar a visão de planejamento das professoras.

Cabe ressaltar que o movimento analítico da pesquisa também contou com o respaldo de documentos oficiais referentes à primeira etapa da Educação Básica, como, por exemplo, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB de 1996 e as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil – DCNEI de 2009.

Segundo Lüdke e André (1986):

Os documentos constituem também uma fonte poderosa de onde podem ser retiradas evidências que fundamentem afirmações e declarações do pesquisador. Representam ainda uma fonte “natural” de informação. Não são apenas uma fonte de informação contextualizada, mas surgem num determinado contexto e fornecem informações sobre esse mesmo contexto (LÜDKE; ANDRÉ, 1986, p. 39).

No rastro desse pensamento, compreendemos que os documentos foram fontes importantes de consulta e subsídio que, aliados à análise empreendida, deram suporte para a estruturação deste artigo, possibilitando a emergência de elementos necessários para a criação de uma base sólida de argumentação e reflexão.

Na próxima seção, será apresentada a análise realizada, na qual a professora da instituição pública de ensino será referida como Professora 1 e a professora da instituição privada de ensino será referida como Professora 2.

SOBRE O MOVIMENTO ANALÍTICO: REFLEXÕES E PROBLEMATIZAÇÕES

Nesta seção, discorreremos sobre o empreendimento analítico, apresentando os dados produzidos acompanhados de um exercício crítico que visa provocar o pensamento reflexivo e explorar outras possibilidades, além das já consolidadas e consideradas como verdades absolutas.

Coadunando com as ideias mencionadas, discutiremos as concepções que as professoras têm sobre planejamento, pois entendemos que esses pontos de vista são fundamentais para

pensar e realizar as ações educativo-pedagógicas. Todas as ações planejadas e vivenciadas na escola estão alinhadas à essas concepções, conforme aponta Ostetto (2000, p. 178), ao mencionar que “a elaboração de um planejamento depende da visão de mundo, de criança, de educação e de processo educativo que temos e que queremos [...]”.

Em consonância com o exposto, apresentamos a concepção de planejamento das professoras pesquisadas. Assim, a Professora 1 destaca:

Então, meu entendimento de planejamento vai ao encontro das propostas das crianças né, então primeiro eu vou indo, vou percebendo o que eles vêm trazendo nas brincadeiras, nas conversas, nos diálogos e a partir disso do que as crianças trazem eu faço meu planejamento. Então não só com aquilo, com essas informações que eles me trazem, mas também com algumas outras ideias que eu tenho né, então eu faço esse movimento assim, junto, coletivo entre a minha concepção e as ideias que eu tenho e as ideias das crianças (Professora 1, entrevista realizada em 29/11/2021).

Já, a Professora 2 entende que:

Minha ideia de planejamento é um planejamento que é feito e pensado nas crianças, com as crianças, a partir do interesse delas e da minha intencionalidade né, utilizar então o interesse delas e daquilo que elas desejam e tem como questionamento, como curiosidade né, pra também aplicar as minhas intencionalidades. Mas eu acredito muito em um planejamento construído para as crianças, e com elas também, sempre a partir de uma escuta atenta né, que é um exercício diário que a gente tem que fazer (Professora 2, entrevista realizada em 03/12/2021).

A partir do exposto, constatamos que as professoras apresentam uma concepção semelhante quanto ao planejamento das ações pedagógicas no âmbito da escola da infância. Ambas ressaltam dois aspectos comuns considerados relevantes, manifestados a partir da conjunção de dois elementos: a intencionalidade marcada pelas suas concepções e a observância e acolhimento dos interesses das crianças manifestados no dia a dia. Esses dois elementos devem permear o cotidiano das interações e brincadeiras, que são eixos do currículo da Educação Infantil, conforme as DCNEI (2009). Isso garante práticas menos engessadas e inflexíveis, que não se limitam apenas a objetivos pré-estabelecidos, mas que atendem aos

desejos e às necessidades das crianças. Nesse sentido, concordamos com Redin *et al.* (2014), quando afirmam que:

Planejar nosso cotidiano é deixar que o inusitado apareça, é deparar-se com o indeterminado sem medo, permitir-se ocupar espaços e intensificar afetos. Planejar é refletir com experiência, confrontando fatos, acontecimentos e nossas verdades com as teorias existentes, com a criança com a qual nos deparamos no dia a dia em toda a sua intensidade. É não nos fecharmos em sistemas rígidos, permitindo a abertura histórica que abarca a criança como um todo e, ao mesmo tempo, considerando as suas especificidades, as suas diferenças, a sua história de vida, seus desejos e suas necessidades (REDIN *et al.*, 2014, p. 26).

A partir desse excerto, observamos que o planejamento deve romper com padrões pré-estabelecidos socialmente e levar em consideração uma criança real, com diferentes especificidades e oriunda de diversos contextos. O ato de planejar torna-se ainda mais importante quando se trata das datas comemorativas e suas festividades, pois muitas vezes elas são incorporadas ao planejamento da Educação Infantil de forma repetitiva, ano após ano. Como ressalta Ostetto (2000, p. 182), “o educador acaba sendo um repetidor, pois todos os anos a mesma experiência se repete, uma vez que as datas também se repetem. Talvez uma atividade aqui ou outra ali, um ou outro trabalho seja renovado, mas o pano de fundo é o mesmo”.

Dando continuidade à análise, em relação à inclusão das datas comemorativas e suas festividades nos planejamentos, a Professora 1 comenta:

Na escola que eu trabalho, a gente não trabalha as datas comemorativas, desde de quando a gente criou o PPP (Projeto Político Pedagógico) da escola em 2016, a gente conversou muito sobre isso, foi um grande debate, porque não era algo assim cem por cento né, tinha divergências de ideias entre professoras, mas chegamos num consenso em não trabalhar essas datas, pois a gente acredita que vai além disso, tem concepções de religião, uma forte influência do capitalismo, assim nas datas, então o que a gente faz quando surge alguma criança, já teve turmas na escola que comemoraram por exemplo o dia do gaúcho, mas foi uma turma e porque surgiu do grupo entendeu, então assim é algo muito além disso, a gente sempre conversa muito sobre isso, até porque realmente a influência que tem é muito mercadológica nas datas comemorativas então a gente sempre busca ir por outro viés e se tem alguma curiosidade da criança com relação às datas, a gente sempre tenta trazer pro cotidiano mesmo, pro contexto deles [...] (Professora 1, entrevista realizada em 29/11/2021).

A partir do relato da Professora 1, podemos observar que ela não reproduz as datas comemorativas e suas festividades. Isso ocorre porque a instituição na qual ela está inserida, após debates e problematizações com o coletivo, decidiu não incluir tais datas no planejamento

da Educação Infantil, considerando aspectos como as concepções religiosas associadas às datas e a influência mercadológica gerada por elas.

Com base na análise empreendida, acreditamos que os(as) professores(as) desta escola, ao não reproduzirem as datas comemorativas, optaram por uma abordagem que dialoga com a pedagogia descolonizadora. Eles buscam romper com referências pedagógicas que perpetuam práticas colonizadoras e capitalistas. Segundo Barreiro e Faria (2016, p. 261), “as pedagogias descolonizadoras operam, exaltando as diferenças e as diversidades culturais, permitindo que as crianças explorem suas múltiplas possibilidades de existir e expressar-se”. Portanto, é fundamental considerar as crianças e suas infâncias a partir de suas diferenças, entendendo-as como protagonistas de suas histórias e, conseqüentemente, como sujeitos produtores de cultura, em vez de sujeitos passivos receptores de significados culturais.

É importante destacar que a escola enfatiza que as datas comemorativas sustentam um movimento mercadológico, um ponto que ecoa nas palavras de Ostetto (2000, p. 182): “[...] quem também lucra com as datas comemorativas é o comércio, que aproveita os ‘dias de’ para vender suas mercadorias, fazendo-nos crer que as pessoas e coisas só merecem ser lembradas uma vez por ano e não diariamente, como de fato deveriam”. Chamamos a atenção para esse aspecto, pois entendemos que ao reproduzir tais datas e suas festividades, também podemos estar fomentando o consumismo, que frequentemente leva à compra de presentes.

Com relação à inclusão das datas comemorativas, a Professora 2 anuncia que:

Assim, ali na escola que eu trabalho, nós não costumamos fazer um calendário voltado pra todas as datas comemorativas né, mas a gente entende também que estamos inseridos em uma sociedade, e que as crianças estão inseridas em uma cultura que também está inserida no cotidiano delas as diversas datas comemorativas, nós não temos uma organização que privilegie ou acentue as datas comemorativas. As datas comemorativas estão presentes no meu planejamento naquilo que é do currículo da escola assim, que demanda o que é necessário [...] (Professora 2, entrevista realizada em 03/12/2021).

Percebemos que, nessa instituição, há uma certa adesão ao fazer educativo relacionado às datas comemorativas e suas festividades, e, com isso, a professora 2, por vezes, as inclui e as reproduz em seu planejamento. Neste sentido, as datas comemorativas do calendário são justificadas com base no pertencimento a este contexto escolar, uma vez que se alinham ao currículo da instituição, como é o caso das datas religiosas, visto que se trata de uma escola de

cunho religioso. Assim, a escola adota uma pedagogia que pode ser considerada colonizadora, construindo alguns de seus conhecimentos e práticas educativo-pedagógicas sob a égide dos dogmas e valores religiosos. Segundo Barreiro e Faria (2016):

A “pedagogia colonizadora” buscou na noção de “modernidade” europeia os fundamentos para a constituição de suas práticas educacionais, conhecimentos e saberes científicos, atentando às exigências de formação deste novo homem, sem abandonar as necessidades da construção de um pertencimento religioso, marcado pelos valores, história e dogmas do cristianismo, em especial, católico (BARREIRO; FARIA, 2016, p. 254).

Com isso, percebemos que a instituição abordada constrói uma verdade, que, neste caso, se refere à importância de trabalhar as datas comemorativas e suas festividades vinculadas à religião católica, a qual está culturalmente entrelaçada com a sociedade. Isso se dá, sobretudo, pelo fato de não negar e reafirmar essas datas. Entende-se essa adesão como um movimento ideológico, que permite à instituição escolher o que deseja ou não reproduzir. Para Ostetto (2000):

Poderíamos dizer que o trabalho com as datas comemorativas baseia-se numa história tomada como única e verdadeira: a história dos heróis, dos vencedores. História que, na verdade, privilegia uma visão ou concepção dominante em detrimento de tantas possíveis, ignorando e omitindo, na maioria das vezes, as diferentes facetas da realidade. Por isso a escolha é sempre ideológica, pois algumas datas são comemoradas e outras não (OSTETTO, 2000, p. 182).

Partindo dessa referência, refletimos que, ao optar pela reprodução das datas comemorativas, a instituição de ensino da Professora 2 está escolhendo uma verdade como única e absoluta, desconsiderando outras verdades e realidades sobre o tema mencionado. Ainda para compreender melhor o planejamento da Professora 2 e o contexto de sua instituição, é necessário atentar para outra fala importante da referida professora.

O que eu percebo é que no nosso planejamento acaba aparecendo mais essas datas religiosas né, que a gente também busca ir fazendo atravessadas no cotidiano das crianças e com as temáticas, só que de forma mais incisiva, próximos as datas (Professora 2, entrevista realizada em 03/12/2021).

Acreditamos que esse fato ocorra porque a instituição privada é vinculada a uma determinada religião, a qual influencia sua proposta pedagógica, refletindo-se assim no planejamento da professora pesquisada. É interessante destacar que, nessa instituição, houve a adaptação de duas datas comemorativas, a saber, o Dia das Mães e o Dia dos Pais. Ainda assim,

foi confeccionada uma lembrancinha para as mães no seu respectivo dia, o que acabou incluindo a data no cenário das comemorações. Nesse sentido, é importante considerar que a confecção desse presente pode ocasionar a exclusão de algumas crianças que não possuem ou não convivem com suas mães, fato que desconsidera algumas especificidades no que tange aos seus contextos familiares. Como expõe a Professora 2:

Nós temos o dia da família, mas ali no dia das mães as crianças fazem um cartão, não existe assim uma movimentação pra isso sabe, as crianças que desejarem podem fazer um cartão pra mãe, a gente entrega ali junto, dá um abraço, deseja feliz dia das mães, não ignora aquela data né, mas não existe uma movimentação de planejamento para essa temática, no caso (Professora 2, entrevista realizada em 03/12/2021).

Então, observamos que a professora 2 reproduz o Dia das Mães em seu planejamento. Apesar de não haver uma movimentação específica para isso, como a professora retrata, há um momento específico para a construção do cartão. Vimos também que a professora prioriza as crianças em seu planejamento, concedendo-lhes autonomia e uma certa liberdade. Embora haja uma intencionalidade na elaboração das atividades, as crianças são consideradas no âmbito do planejamento. Como informa a Professora 2:

Ainda que no currículo ou no calendário da escola tenha alguma data comemorativa, e que nós precisemos fazer algo, eu busco sempre fazer isso assim, pensar com as crianças uma forma de adaptar, uma forma de fazer aquilo com o rosto deles do jeito que eles querem, com os materiais que eles escolheram né, então trazer o máximo de autonomia possível (Professora 2, entrevista realizada em 03/12/2021).

Nesse sentido, consideramos que, mesmo que a instituição opte pelo trabalho com datas comemorativas e suas festividades, é papel da professora articular esses eventos em seu planejamento de forma a colocar a criança no centro do processo. Isso implica observar e escutar a criança em sua singularidade, acolhendo seu contexto social e repertório cultural.

Inspiradas nas palavras de Redin *et al.* (2014), concluímos que, mesmo que as datas comemorativas estejam articuladas ao planejamento e que as crianças tenham liberdade na realização e construção de algumas atividades, concordamos com os autores quando afirmam

que é desafiador acreditar que crianças submetidas a essas rotinas conseguirão criar cultura, desenvolver novas ideias ou se apropriar do conhecimento acumulado pela humanidade, transcendendo-o e conferindo-lhe novos significados. Nessas condições, é complicado imaginar as crianças investigando, buscando respostas para suas dúvidas, desenvolvendo projetos, explorando obras de arte ou observando um mundo repleto de formas, cores, movimentos, texturas, manchas e sombras.

Como é possível perceber, durante o processo de pesquisa, tivemos contato com duas instituições diferentes, que possuem concepções distintas sobre a inclusão das datas comemorativas e suas festividades no planejamento da Educação Infantil. Contudo, observamos que ambas as professoras têm concepções semelhantes sobre o ato de planejar, atribuindo, na medida do possível, à criança, um lugar de centralidade em seu planejamento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao nos aproximarmos do final, queremos destacar que esta pesquisa não aponta caminhos definitivos ou verdades absolutas, mas se abre para a problematização dos modos de organizar a ação educativo-pedagógica, especialmente no que diz respeito à inclusão das datas comemorativas no planejamento da Educação Infantil.

Ao realizar o empreendimento analítico, percebemos um movimento de reflexão e problematização por parte das instituições onde as professoras atuam. Na instituição pública, as datas comemorativas e suas festividades não são incluídas no currículo. Já na instituição privada, constatamos que algumas datas comemorativas são trabalhadas, com adaptações ou até mesmo reconfigurações, evidenciando que, de uma forma ou de outra, está ocorrendo uma reflexão sobre as datas comemorativas e suas festividades no planejamento da Educação Infantil.

Também observamos que, independentemente de as datas comemorativas e suas festividades estarem ou não presentes no planejamento da Educação Infantil, as instituições priorizam a criança, considerando-a como protagonista na elaboração dos planejamentos. Mesmo com visões distintas sobre a temática deste estudo, as professoras compreendem o planejamento de forma similar, ao considerar a criança e seu repertório de saber.

Por fim, é fundamental enfatizar a importância da reflexão por parte das professoras e das instituições de ensino em relação à construção de suas propostas pedagógicas e planejamentos. Destacamos também a relevância da formação continuada das professoras pesquisadas, para que o processo de reflexão esteja sempre em movimento, trazendo novos

questionamentos e conhecimentos, no intuito de proporcionar uma aprendizagem de qualidade que considere os direitos e as particularidades de todas as crianças.

REFERÊNCIAS

BARREIRO, Alex; FARIA, Ana Lúcia Goulart. Descolonizando nossos pensamentos: por uma pedagogia descolonizada para a Educação Infantil. *In*: BRASIL. Viviane Ache. Secretária da Educação Básica (org.). **Pedagogias das infâncias, crianças e docências na Educação Infantil**. Brasil: Ministério da Educação, 2016. p. 13-369.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei número 9394, 20 de dezembro de 1996. Brasília, DF, 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. **Resolução nº 5, de 17 de dezembro de 2009**. Fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=2298-rceb005-09&category_slug=dezembro-2009-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 18 ago. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. **Programa Nacional de Reestruturação e Aparentagem da Rede Escolar Pública de Educação Infantil (ProInfância)**. 2018. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/financiamento-estadual/educacao-infantil>. Acesso em: 18 ago. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil** / Secretaria de Educação Básica. – Brasília: MEC, SEB, 2010.

HOFFMANN, Jussara; SILVA, Maria Beatriz Gomes da. Apresentação. *In*: HOFFMANN, Jussara *et al.* **Planejamento, práticas e projetos pedagógicos na Educação Infantil**. Porto Alegre: Editora Mediação, 2014. p. 9-201. Revisão: Franciane de Freitas.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. Métodos de coleta de dados: observação, entrevista e análise documental. *In*: LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986. p. 25-44. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4091392/mod_resource/content/1/Lud_And_cap3.pdf. Acesso em: 10 jul. 2024.

MINAYO, Maria Cecília de Souza *et al.* **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2016.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE (OPAS) / ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **OMS afirma que COVID-19 é agora caracterizada como pandemia**. Publicação realizada em 11 de março de 2020. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/news/11-3-2020-who-characterizes-covid-19-pandemic>. Acesso em: 18 ago. 2024.

OSTETTO, Luciana Esmeralda. Encontros e encantamentos na educação infantil: partilhando experiências de estágios. *In*: OSTETTO, Luciana Esmeralda (org.). **Encontros e encantamentos na educação infantil: partilhando experiências de estágios**. 10ª ed. Campinas/SP: Papirus, 2012.

OSTETTO, Luciana Esmeralda. Planejamento na educação infantil mais que a atividade, a criança em foco. *In*: OSTETTO, Luciana Esmeralda (org.). **Encontros e encantamentos na educação infantil: partilhando experiências de estágios**. Campinas: Papirus, 2000.

REDIN, Marita Martins *et al.* **Planejamento, práticas e projetos pedagógicos na Educação Infantil**. 3º ed. – Porto Alegre: Mediação, 2014.

**EDITORA E GRÁFICA DA FURG
CAMPUS CARREIROS
CEP 96203 900
editora@furg.br**